CAPÍTULO DOZE
O NARRADOR HERDEIRO E OS ESCOMBROS
DA NAÇÃO: A FORMAÇÃO SOCIAL
BRASILEIRA EM CHICO BUARQUE

BRUNO VINÍCIUS DE SOUSA NUNES
Mestrando em Literatura
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: brunocontato3@gmail.com

DOI 10.56372/desleiturav12i12.192

Resumo: Este ensaio realiza uma leitura crítica do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, a partir da figura do “narrador herdeiro” como chave formal e analítica. A partir de Eulálio d’Assumpção, aristocrata decadente que rememora sua linhagem marcada por escravidão e poder, investiga-se como a narrativa articula memória individual e história nacional, expondo os mecanismos de reprodução das estruturas autoritárias e da desfaçatez de classe no Brasil. Fundamentado em Theodor Adorno, György Lukács, Franco Moretti, Ian Watt e Roberto Schwarz, o estudo demonstra como a obra transforma a decadência individual em alegoria da formação civilizatória brasileira, revelando a persistência do autoritarismo e das contradições históricas. Ao formalizar delírios, repetições e lacunas, o romance assume função crítica e negativa, recusando reconciliações ilusórias e evidenciando, em sua forma, os escombros de uma elite em decomposição e sua tentativa de perpetuar privilégios no imaginário social.

Palavras-chave: *Leite Derramado*. Narrador herdeiro. Autoritarismo.

Abstract: This essay offers a critical reading of Chico Buarque’s novel “*Leite Derramado*” (2009), using the figure of the “narrator heir” as a formal and analytical key. Based on Eulálio d’Assumpção, a decadent aristocrat who recalls his lineage marked by slavery and power, the study explores how the narrative articulates individual memory and national history, exposing the mechanisms that reproduce authoritarian structures and class insolence in Brazil. Based on Theodor Adorno, György Lukács, Franco Moretti, Ian Watt, and Roberto Schwarz, the study demonstrates how the work transforms individual decadence into an allegory of the formation of Brazilian civilization, revealing the persistence of authoritarianism and historical contradictions. By formalizing delusions, repetitions, and gaps, the novel assumes a critical and negative function, refusing illusory reconciliations and highlighting, in its form, the ruins of a decaying elite and its attempt to perpetuate privileges in the social imaginary.

Keywords: *Leite Derramado*. Narrator heir. Authoritarianism.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio, propõe-se uma leitura crítica do romance *Leite Derramado* de Chico Buarque (2009), orientada pela figura do narrador herdeiro como princípio formal que estrutura a presente análise. O personagem Eulálio d'Assumpção, um aristocrata decadente, narra do leito de hospital lembranças de uma linhagem marcada pela escravidão e pelo poder. Sua fala, cheia de contradições, expõe os conflitos de uma tradição que ainda tenta se impor como modelo moral e estético no presente. Tal construção narrativa se aproxima da reflexão de Theodor W. Adorno (2004) sobre a dialética entre tradição e extinção, em que a obra de arte moderna, para ser crítica, deve carregar as cicatrizes da história que a constitui. A memória, longe de ser aqui um instrumento de reconciliação, adquire ares de patologia, o que Adorno (2004) chamaria de "memória involuntária" aprisionada à repetição do mesmo.

A análise realizada do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque evidenciou como a construção do "narrador herdeiro" opera como pressuposto decisivo para a compreensão crítica da permanência de estruturas autoritárias na genealogia social brasileira. A investigação teórico-crítica demonstrou que a narrativa, ao fundir memória individual e história nacional, apresenta os mecanismos de reprodução do poder, da desigualdade e da desfaçatez de classe que atravessam gerações.

Pela voz de Eulálio d'Assumpção, a saga familiar encenada no romance ultrapassa o drama pessoal e se converte em alegoria da formação civilizatória do Brasil, revelando os impasses de uma classe dominante em declínio. A obra de Chico Buarque combina densidade estética e crítica social ao unir elementos da tradição clássica com formas populares. Essa articulação mostra sua habilidade em construir interpretações literárias complexas e sensíveis sobre as contradições do Brasil. Por meio da linguagem, o autor atualiza os traços mais profundos do autoritarismo brasileiro e suas consequências.

Em *Leite Derramado*, a estrutura romanesca engendrada por Chico Buarque revela o embate entre a herança autoritária e a fragilidade do narrador herdeiro, cujo a própria dinâmica narrativa escancara as vísceras de um organismo social em avançado estado de decomposição. A obra formaliza, por meio de repetições, delírios e lacunas, a fragilidade de um projeto histórico fundado na dominação. Assim, à luz da crítica adorniana, a literatura cumpre sua função negativa ao evidenciar o sofrimento silenciado e rejeita qualquer reconciliação ilusória com os valores hegemônicos.

MEMÓRIA EM RUÍNAS: A FORMA ROMANESCA COMO DISSIDÊNCIA

A forma romanceada mobilizada por Chico Buarque em *Leite Derramado* pode ser compreendida à luz das contribuições de György Lukács (2009), Franco Moretti (2007) e Ian Watt (1990), cujas formulações são fundamentais para entender o romance moderno como expressão das contradições da realidade social. A incorporação desses autores foi decisiva para fundamentar criticamente o ensaio, pois cada um oferece ferramentas teóricas essenciais para a análise da obra em sua complexidade histórica, estética e formal. No entanto, não se trata aqui de uma mera tentativa de interpretação sociológica, tampouco de uma abordagem guiada por correntes ideológicas específicas. O que se busca é uma leitura crítica que se aproxime ao máximo da materialidade literária da obra, permitindo que o próprio texto fale por si e revele, por sua forma e conteúdo, os impasses que carrega.

Em Lukács (2009), o romance é a forma literária por excelência da modernidade, capaz de apreender totalidades contraditórias, expressando, através da figura do herói problemático, a cisão entre sujeito e mundo. Mais do que uma simples representação da realidade, o romance se torna, em sua dialética interna, o campo de tensões sociais, ideológicas e existenciais, evidenciando a crise das mediações harmônicas entre o indivíduo e a totalidade social. Trata-se, portanto, de uma forma que não apenas narra a

arruinação, mas a encena: o herói do romance moderno, como já indicava Lukács, carrega consigo não a resolução, mas a contradição, não a síntese, mas a desagregação de um mundo que perdeu sua coesão interna.

Seu monólogo, ao mesmo tempo autoritário e vulnerável, performa o esfacelamento do *ethos* da nobreza rural, do patriarcalismo fundiário, da ordem senhorial, ao passo que tenta manter vivos virtudes ligadas ao sobrenome, títulos de nobreza e prestígio sem mais base real que os sustente. O romance, nesse contexto, funciona como forma de dissidência, pois ao invés de restaurar o mundo, o expõe em seus escombros.

E é justamente aqui que as ideias de Franco Moretti (2007) ampliam a análise: ao pensar o romance como mapa das formas históricas e como sintoma das transformações da modernidade, ele nos permite entender *Leite Derramado* como cartografia da falência de um projeto oligárquico que se arrasta como espectro sobre a história nacional. Nesse aspecto, a saga familiar narrada por Eulálio d'Assumpção constitui, segundo Moretti, um microcosmo das nações periféricas, em que o declínio das elites não implica desaparecimento, mas sua reconfiguração narrativa como tentativa de naturalizar uma centralidade social em colapso conferindo, assim, à decadência um falso ar de destino inevitável, o fim da história.

Ian Watt (1990), ao compreender o romance como expressão do individualismo burguês e da experiência particularizada do tempo e do espaço, fornece um caminho importante para a leitura de *Leite Derramado*. Em sua análise do romance moderno como forma associada à ascensão da subjetividade individual expressão de uma lógica burguesa importada, Watt nos permite perceber como a narrativa de Eulálio d'Assumpção, centrada em digressões e memórias pessoais, transforma a decadência de sua linhagem em uma suposta tragédia individual.

No entanto, a própria estrutura do romance subverte essa lógica ao expor essa individualização como uma forma ideológica. As memórias de Eulálio não revelam apenas a derrocada de

um eu, mas condensam, sob o véu da interioridade, o esgotamento histórico de uma classe cuja autoridade já não encontra sustentação. Assim, a forma romanesca, ao mesmo tempo que reproduz a experiência subjetiva, a desmonta criticamente, revelando os limites do sujeito burguês diante da história.

Portanto, a narrativa articula forma e conteúdo de maneira crítica: ao tematizar a saga familiar como síntese deformada da história da civilização brasileira, revela o falso universal da ideologia dominante e as contradições latentes de uma classe que, ao se pretender eterna, revela seu anacronismo histórico. Nesse processo, recorrendo à formulação de Roberto Schwarz (1990), a desfaçatez de classe se evidencia como um traço distintivo de um discurso que, ao naturalizar os privilégios, contribui para o apagamento das violências constitutivas da ordem social brasileira.

Tal desfaçatez, ao mesmo tempo cínica e melancólica, constitui o pano de fundo da narração de Eulálio d'Assumpção, cuja fala hesitante entre o delírio e a lembrança é atravessada por restos ideológicos da casa-grande, mesmo privada de suas riquezas concretas. O declínio do narrador não implica a dissolução de sua posição social, ao contrário, é justamente na decomposição que se radicaliza a denúncia: o sujeito decadente continua a gozar dos resíduos de mando e prestígio que o mantêm, mesmo enfermo e isolado, como representante de um arquétipo de elite que se recusa desaparecer.

RAÍZES DO AUTORITARISMO: O NARRADOR HERDEIRO E FANTASMAGORIA NACIONAL

Em *Leite Derramado*, Chico Buarque constrói, por meio da figura do narrador herdeiro, não apenas o retrato melancólico de uma aristocracia em desmoronamento, mas o simulacro ideológico de um Brasil cujo pacto fundacional se assenta na negação das contradições e na perpetuação de uma ordem social fictícia. Eulálio d'Assumpção, ancorado num discurso desviante que dissolve o presente nas incertezas de uma memória desordenada, articula a nostalgia como mecanismo de defesa contra a

consciência histórica recusando a ruptura e reelaborando o declínio como perda de grandeza. Ao rememorar os traços de uma linhagem senhorial, o que é involução se ergue como monumento, e o que é violência se apresenta como sinal de glória. Nesse processo, a memória deixa de atuar como instrumento crítico do tempo para se tornar mecanismo de naturalização dos privilégios herdados por uma família abastada.

Esse sujeito que narra, ancorado em sua genealogia de mando, reafirma a imagem de um Brasil que se pensa sempre em vir-a-ser, destinado a uma modernidade prometida, mas sistematicamente adiada. O narrador herdeiro reatualiza o imaginário oligárquico de um país eternamente em formação, cujas falências são sempre projetadas no outro: o povo, o mestiço, o subalterno. Ao manipular o tempo como matéria literária, Eulálio se posiciona como fiador de uma tradição fictícia, onde a aristocracia é símbolo civilizatório e a desigualdade, um efeito colateral sem importância, acrílico.

Tal elaboração discursiva remete diretamente à distinção traçada por Antonio Candido entre duas fases da autocompreensão nacional a ideologia do “país novo” e a consciência catastrófica do subdesenvolvimento:

Na fase de consciência amena de atraso, correspondente à ideologia de ‘país novo’; e na fase da consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de ‘país subdesenvolvido’. Isto porque ambas se entrosam intimamente e é no passado imediato e remoto que percebemos as linhas do presente (Candido, 1989, p. 142).

Essa consciência bipartida atravessa o discurso de Eulálio, que simultaneamente se orgulha de sua ascendência e se lamenta por sua decadência, transformando o fracasso da elite em epopeia pessoal. Seu discurso reveste de dignidade um poder que perdeu substância, mas insiste em sua legitimidade. A aristocracia já não governa, mas quer ainda narrar o país a partir de si mesma. E é justamente no uso ideológico da memória como ficção de grandeza que se revela o conformismo típico da consciência infeliz des-

crita por Adorno: a fidelidade aos destroços da tradição se transforma em resistência contra a modernidade igualitária.

O trecho em que Eulálio projeta sua morte como marco do fim de uma era é emblemático dessa idealização:

Quando eu morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos. Terá sido a última casa de Copacabana. Se assemelhará a Chicago, com policiais e gangsters trocando tiros, e ainda assim dormirei de portas abertas (Holanda, 2009, p. 49).

A imagem do chalé que desaba com o corpo do narrador simboliza a agonia de uma ordem social que, mesmo desfalecida, ainda reivindica centralidade figurativa. Ao transformar a própria decadência em espetáculo, Eulálio reinscreve o declínio da elite como perda da civilidade, sugerindo que a modernidade urbana equivale à barbárie. A memória, nesse contexto, passa a ser território de resistência nostálgica à democratização social.

Do mesmo modo que a modernidade é percebida como ameaça à hierarquia tradicional, a questão racial é assimilada por uma memória que purifica a dominação. O passado escravocrata é recomposto sob a lógica da harmonia inventada, em que o privilégio se traveste de benevolência.

Esse movimento de apagamento das contradições históricas se radicaliza no modo como o narrador mobiliza a questão racial. A escravidão é diluída na linguagem da benevolência, da filantropia senhorial, da tutela generosa. O orgulho com que se refere ao projeto colonial do avô, apresentado como benfeitor da "raça negra", revela a continuidade de uma lógica emblemática onde o sujeito branco-aristocrático mantém o domínio da história:

[...] por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça Negra. Creiam que ele visitou a África em mil, oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês” (Holanda, 2009, p. 50-51).

Sob o verniz de generosidade, esconde o exercício da dominação. O retorno dos negros à África imaginado como “Nova Libéria” não configura reparação, mas reafirmação do controle rígido da elite sobre os corpos negros, reduzidos à condição de objetos da vontade branca. Trata-se de uma “fantasia de restituição” que despolitiza o escravismo e o reinscreve como mito fundacional da identidade nacional, conhecido também na obra de Gilberto Freyre (1933) com a chamada democracia racial. A ironia do texto revela que, por trás da utopia paternalista, persiste o projeto de exclusão:

E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. Vovô era mesmo um visionário, desenhou de próprio punho a bandeira do país, listras multicolores com um triângulo dourado no centro, e dentro do triângulo um olho. Encomendou o hino oficial ao grande Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos a futura capital, Petróvia (Holanda, 2009, p. 51).

Essa fabulação revela o quanto o delírio aristocrático se ancora numa retórica de civilização que camufla a continuidade da dominação racial. A Nova Libéria, utopia branca de reordenamento da diáspora, expõe a tentativa da elite de salvar sua imagem histórica projetando um gesto “civilizatório” sobre o outro racializado. Desse modo, o delírio do avô não revela um gesto de grandeza, mas expõe o esfacelamento de uma classe que, destituída de poder efetivo, busca restaurar simbolicamente sua posição central por meio da ficcionalização do passado.

Isto posto, a memória do narrador herdeiro se revela como dispositivo ideológico de inscrição da elite na narrativa nacional. O Brasil que emerge de sua fala é um prolongamento da vida na senzala: um país cuja história se confunde com a genealogia senhorial, da qual a identidade repousa na nobreza fictícia de seus fundadores, e de que o futuro só pode ser conduzido por aqueles que se pensam seus herdeiros naturais. A permanência dessa estrutura representativa é, ao fio e ao cabo, o que sustenta o ciclo de promessas modernizadoras sempre frustradas, realimentando ora

a ilusão do “país novo”, ora o ressentimento da consciência catástrofica diante do avanço popular.

O ESTILO DA DECADÊNCIA: ESTRUTURA NARRATIVA E DERROCADA DA CLASSE DIRIGENTE

No que diz respeito à estrutura narrativa da obra, vale destacar que, cada capítulo é composto por um único parágrafo contínuo, marcado por um fluxo não linear, cujo traçado zigzagueante se ancora em elementos fragmentários. Essa forma peculiar de construção textual reforça o caráter digressivo da narração e evidencia a inconstância da memória do narrador, conferindo ao romance uma atmosfera de desordem subjetiva que dialoga criticamente com a decomposição da elite representada na figura de Eulálio d’Assumpção. Chico Buarque, em entrevista concedida em 2011, esclarece a estrutura do romance:

Os capítulos são parágrafos. E há um desejo que sejam um pensamento fluente, que não haja nenhuma interrupção. Uma coisa vai puxando a outra, como se fosse um desafio daquele velho, falando, falando, até... até ele cansar [...] aí retoma o segundo parágrafo e vai, vai, vai, mesmo que não tenha interlocutor, mesmo que os interlocutores sejam imaginários ou que estando ali não falem. Ele não quer saber ou pode ser surdo. Ou então fala sozinho (Buarque, 2011).

Essa fluência discursiva ininterrupta, que emula o fluxo de consciência do narrador, reforça o esgarçamento entre o tempo vivido e o tempo narrado, compondo um mosaico de lembranças desordenadas que evidencia a falência da elite patriarcal brasileira. A linguagem, nesse contexto, serve como sintoma de um sujeito em franco declínio, da qual a fala hesitante, por vezes delirante, revela não apenas a fragilidade de sua subjetividade, mas também a decomposição de uma ordem social baseada na autoridade hereditária e no mandonismo. Ao recusar uma linearidade histórica redentora, Chico Buarque constrói um narrador aprisionado em sua própria memória, uma memória que, ao tentar conservar os

vestígios de um Brasil arcaico, acaba por revelar as fissuras de sua suposta legitimidade.

Assim, o romance transforma o delírio em instrumento crítico, convertendo a fragmentação narrativa em forma de denúncia da decadência de uma elite que insiste em narrar o país a partir do que sobrou. Em diversos momentos do romance, Eulálio evoca o passado com tintas de reverência à hierarquia social e ao privilégio herdado. Enquanto se autofirmava em sua origem, sua fala era atravessada por um *ethos* de linhagem:

Eulálio Montenegro d'Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, como aquela atrás da estação do metrô... Enfim, por advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas d'água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas. E pelo meu lado materno, o Rio de Janeiro parece uma árvore genealógica, se duvidar mande um moleque comprar o mapa da cidade (Holanda, 2009, p. 77-78).

A evocação genealógica, longe de afirmar uma identidade sólida, escancara o vazio simbólico de uma linhagem exaurida de sentido e prestígio. Nomes e títulos soam como ecos de uma notoriedade perdida, enquanto a cidade, marcada por homenagens familiares, se torna alegoria da tentativa vã de eternizar um poder frívolo.

Contudo, no discurso de Eulálio, tal esforço de monumentalização da elite assume contornos grotescos, quase risíveis, ao ser confrontado com sua condição presente: solitário, enfermo, despojado de prestígio e de audiência. O que resta é uma fala que ecoa no vazio um discurso senhorial reduzido a um pedantismo linguístico, revelando a contradição entre a altivez do passado e a irrelevância do presente, marca indelével de um projeto fracassado de eternização de uma elite que já não consegue narrar o Brasil senão, como falsa tragédia.

O ÚLTIMO ASSUMPCÃO: ROMANCE DA QUEDA E DOS FANTASMAS DO BRASIL

A decadência de Eulálio não se limita a uma dimensão subjetiva, mas encarna uma alegoria de um ciclo histórico que, embora gasto pelo tempo, resiste a desaparecer. A tensão entre a falência e a insistência em preservar uma imagem de grandeza perdida, marcas centrais da figura do narrador herdeiro que reaparece de modo contundente em passagens significativas do romance. Próximo ao desfecho da narrativa, Eulálio revela os traços dessa degradação amalgamada a uma postura arrogante e anacrônica, ao declarar:

Meu pai é morto, mas minha mãe tem dinheiro no banco e patrimônio familiar. Seu telefone sei de cor, é o número sul 1403. Porém é preciso que alguém do bando fale francês, em português mamãe se recusará a atendê-los. Também tenho uma filha, minha herdeira universal, já me fez passar todos os bens para o seu nome a fim de adiantar o inventário (Holanda, 2009, p. 167).

Esse trecho expõe a incongruência entre um passado glorioso e um presente esvaziado de prestígio, evidenciada pela ilusão de permanência de um capital em franco declínio. O personagem se apega a símbolos aristocráticos, a língua francesa, o patrimônio herdado, o prestígio do nome como quem se nega a reconhecer o avanço irreversível da decomposição histórica de sua classe. Versa sobre, portanto, uma memória em delírio, que luta contra a própria extinção ao reencenar as glórias de uma linhagem que já não possui reconhecimento social.

Nesse sentido, a figura de Eulálio encarna aquilo que Adorno (2004) identificou como a persistência do arcaico sob as formas modernas: uma subjetividade cindida, que sobrevive à custa da repetição de fórmulas vazias de conteúdo histórico. A resistência do narrador herdeiro em aceitar seu próprio perecimento traduz na reiteração patética de valores em processo de esvazia-

mento, como o prestígio da linhagem, a distinção cultural e a superioridade social.

Com isso, para Walter Benjamin, “A tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é, na verdade, a regra”. (Benjamin, 2012, p. 231). Essa constatação, formulada no contexto das crises do século XX, adquire renovada atualidade diante das formas contemporâneas de regime social marcadas pela violência institucional, pelo autoritarismo encoberto e pela naturalização da precariedade como destino.

Diante do exposto, ao inverter esse ensinamento, Eulálio representa não os oprimidos, mas os herdeiros de uma dominação cuja emergência é negada, como se a história ainda pudesse estar contida nos signos de um prestígio fossilizado. A literatura, ao dar forma a esse delírio, não apenas o denuncia, mas também o historiciza, revelando a falência de uma elite incapaz de se reconciliar com a própria decadência. *Leite Derramado* se inscreve como narrativa crítica da transmissão autoritária brasileira, dramatizado, pela via do narrador herdeiro, os restos simbólicos de uma ordem que, embora morta, insiste em falar.

ENTRE SINHÁ E O HERDEIRO: FORMAS DA DOMINAÇÃO NO ROMANCE E NA CANÇÃO

O romance como forma e crítica da sociedade se manifesta em *Leite Derramado* como articulação entre estética e historicidade. A narrativa fragmentada e o solilóquio de Eulálio mostram não só sua decadência pessoal, mas transformam essa queda em símbolo da elite brasileira, a estrutura narrativa construída por Chico Buarque, feita de memórias desconexas e ambíguas, reposiciona a linguagem como arena onde se manifestam as tensões entre forma literária e força histórica das ideias.

O romance, em aproximações sucessivas, ultrapassa o relato individual e se inscreve como crítica à sociedade brasileira, evidenciando como os alicerces de um passado autoritário perma-

necem operantes não como resíduos do tempo, mas como forças subterrâneas que, sob novas roupagens, retornam ciclicamente.

O golpismo recente, nesse sentido, não constitui um desvio episódico, mas revela um impasse estrutural da democracia brasileira, ainda marcada pela persistência de traços autoritários que resistem à consolidação de um projeto verdadeiramente democrático. A questão, portanto, vai além da decadência individual de Eulálio e revela uma dimensão mais profunda e estrutural do país: uma nação que insiste em silenciar seus traumas fundadores da escravidão ao extermínio indígena e que jamais elaborou criticamente os pactos autoritários firmados com os militares, perpetuando uma lógica golpista que atravessa sua história como uma fenda aberta ainda em processo de cauterização.

É nesse contexto que a figura do narrador herdeiro adquire centralidade como forma literária e resposta crítica. A formação nacional e sua vocação ao mando escravocrata encontra expressão na voz de Eulálio d'Assumpção, cuja obsessão por seus ascendentes militares, políticos, senhores de terra e de gente traduz o esforço dramático de preservar um prestígio que já não tem lastro na realidade. Sua fala, entre o torpor e o orgulho, revela o impasse de uma elite que perdeu substância social, mas segue reivindicando protagonismo. O orgulho de linhagem sobrevive enquanto ideia-força, mas ainda atua mesmo quando já não resta nada além da lembrança deformada de um passado sem recuperação.

Eulálio encarna não apenas um indivíduo em decadência, mas a própria elite brasileira enquanto sujeito histórico que resiste tenazmente à extinção, perdendo-se obstinadamente à sua glória autoritária e escravocrata. A história colonial, marcada pela opressão e pelo sistema de servidão, está entranhada em suas memórias, em sua linguagem racializada, em sua obsessão pelo mando.

Dada a densidade e a multiplicidade de temas que *Leite Deramado* suscita, se fez necessário delimitar o foco da análise para aprofundar alguns aspectos centrais, mesmo que muitos outros permaneçam à margem desta análise. A obra de Chico Buarque é um emaranhado de relações sociais, identitárias e históricas que

demandariam estudos mais rigorosos e específicos para sua plena compreensão. Além disso, a figura de Matilde embora fundamental para compreender as dinâmicas em torno do patriarcado e opressão feminina na trama, só agora se insere na discussão, como um recorte necessário para revelar as camadas estruturais da dominação que atravessam gênero, raça e classe no romance.

Nesse sentido, Matilde, marcada pela miscigenação e pelas disputas de classe e de gênero, evidencia o nó estrutural da sociedade brasileira: a convivência desigual entre a fantasia do afeto e a realidade do controle patriarcal sobre o outro marcado pela diferença racial. Essa tensão revela que, por trás das relações familiares aparentemente íntimas, realizam mecanismos profundos de exclusão e dominação, onde o amor é permeado por interesses de poder e hierarquia social. Assim, Matilde não é apenas personagem, mas símbolo da resistência e das contradições que atravessam as estruturas sociais brasileiras, aparecendo como contraponto à voz dominante e decadente de Eulálio.

A evocação genealógica, longe de afirmar uma identidade sólida, escancara o vazio de uma linhagem em processo de esgotamento. Ao se apoiar em uma voz caduca, ressentida e inconsciente de sua própria degradação, Chico Buarque constrói uma crítica implacável à elite que ainda domina simbolicamente o país. Os relatos de família demonstram um teatro do poder desfeito, em que o passado surge como vestígio degradado, misturando vaidade e melancolia em sua evocação.

A 'dinastia do chicote' continua atuando, mesmo que o chicote já não exista fisicamente, pois o mandonismo, o racismo estrutural e a desigualdade de classe seguem enraizados nas subjetividades. A perda de Matilde, por exemplo, não é apenas afetiva; ela simboliza o fracasso do projeto de controle sobre o outro, a falência de uma elite que desejava manter o domínio sobre corpos, afetos e a própria narrativa histórica. Matilde, por sua vez, emerge como figura que rompe esse feitiço, pois sua presença escapa à domesticação do olhar do narrador.

Dessa forma, Leite Derramado se apresenta como romance de formação invertido: ao invés da ascensão, a queda; no lugar da herança, a perda, em vez de um futuro, a retrotopia. A crítica da sociedade brasileira se dá, aqui, através da derrocada do herdeiro e da desagregação da memória como espelho de um país fundado sobre os destroços do poder oligárquico que moldou sua história. A literatura, como forma, restitui o que a história oficial silencia: o fracasso de uma elite que insiste em narrar o Brasil como se o tempo não tivesse passado.

Naturalmente, não é possível esgotar, neste ensaio, todas as camadas temáticas e simbólicas que o romance mobiliza. *Leite Derramado* oferece um campo vasto para investigações que vão da crítica à modernidade periférica até os desdobramentos subjetivos do autoritarismo, passando por questões de linguagem, identidade e política de memória. O texto de Chico Buarque é, antes de tudo, um convite à escuta crítica dos ruídos do passado que seguem ecoando sob novas formas no presente.

Uma das possibilidades de ampliação dessa análise está na interlocução entre o romance e o cancionário do autor. Sua produção musical também desempenha como crônica aguda, as máculas da elite brasileira. A canção *Sinhá*, composta com João Bosco, é exemplar nesse sentido: evoca liricamente a estrutura senhorial escravocrata, articulando com sutileza e dor a permanência do autoritarismo, do racismo estrutural e da herança colonial no Brasil contemporâneo. Sua letra dialoga diretamente com a decadência do narrador herdeiro permanência idealizada da elite patriarcal escravocrata: “Quando eu vi minha sina / Me vi tão menino / Eu tive que rir / Ao sentir tudo aquilo / Que um dia eu não quis / Me vi tão menino / Que um dia eu cresci” (Buarque, *Chico*, 2011). E, mais adiante: “Sinhá, me faça o favor / De me desdar essa dor / De me desexorcizar” (Buarque, *Chico*, 2011).

Essa súplica ao poder da “Sinhá” figura central da casa-grande e do domínio sobre os corpos escravizados ecoa no desvario de Eulálio, que também não consegue “desexorcizar” o passado.

A figura do herdeiro decadente, como em *Leite Derramado*, está aprisionada à imagem mítica da elite fundiária e patriarcal, mesmo quando esta já não possui base real. Tanto na canção quanto no romance, há a presença de uma memória opressora que se impõe como fantasma imortal ou, como dizia Walter Benjamin (2012), como uma “tradição dos oprimidos” que nunca foi superada, apenas silenciada sob a máscara de uma modernidade falsa.

Ao evocar a “Sinhá”, o eu lírico da canção se curva diante de uma dor ancestral que o habita, ainda que não a compreenda. Do mesmo modo, Eulálio balbucia as glórias do passado como quem invoca deuses silenciosos, insensíveis à sua queda. O apelo ao perdão, ao “desexorcizar” da dor, revela uma consciência incompleta, uma culpa mal concebida, que não chega a se realizar como arrependimento pois está embrulhada no orgulho de classe, no rancor de ter perdido o mando. Ambos, canção e romance, fazem do passado um feitiço: não o que ilumina a origem, mas o que pesa nos ombros como maldição. Se trata de uma ancestralidade às avessas, onde o herdeiro não se encontra na linhagem, mas se desfaz nela.

O passado, nesses discursos, não é lembrança, mas presença. Uma presença incômoda, ruidosa, que se infiltra nas paredes, nas vozes, nos corpos. A história, tal como narrada por Eulálio, não é contada, ela vaza, escorre e se une ao delírio. A memória não ressurge como glória, mas como sinal de um sujeito em ruína, ainda preso à ideia de superioridade. A narrativa expõe, assim, o desgaste da elite e sua dificuldade em se desvincular das estruturas tradicionais de dominação.

Assim como o “menino” da canção se vê capturado por uma sina que julgava distante, Eulálio se descobre impotente diante da herança que carrega: não como patrimônio, mas como peso. A elite brasileira, representada pela figura do herdeiro, é exposta em sua miséria: sem autoridade, sustenta apenas a pose; sem casa, se agarra ao sobrenome, sem controle sobre o servilismo, insiste na linguagem do mando. A “Sinhá” não perdoa porque a história não foi redimida. E o narrador herdeiro, nesse jogo melancólico, não é apenas vítima de seu tempo, mas cúmplice de um passado que ele tenta legitimar em forma de lamento.

Chico Buarque (2009) elabora, na dobra entre a canção e o romance, uma crítica que pulsa entre a melodia e o delírio narrativo, vibrando nas frestas da canção e da memória. Há uma espécie de luto não realizado, um lamento que não se encerra, porque a perda que se narra o poder, a glória, a “raça”, o nome é, na verdade, a perda de um mito que nunca foi verdadeiro. A elite, em sua agonia, canta para si mesma, como Eulálio fala para um vazio e nesse gesto, repetido à exaustão, revela-se a tragédia: a impossibilidade de renascer enquanto não se resolver, de fato, nosso passado que não é passado se ainda vive no presente.

Dentro da tradição crítica-dialética, o narrador herdeiro em *Leite Derramado* assume um papel fundamental na mediação entre forma literária e totalidade social. Ele não é apenas uma figura ficcional, mas uma construção simbólica de longa duração histórica, incorporando a permanência de estruturas de dominação racial, de classe e de gênero sob novas aparências.

A obra, assim, não representa o declínio de um indivíduo isolado, mas dramatiza o esgotamento de uma forma social que se reproduz pela linguagem, pelo mito de origem e pela persistência de uma subjetividade oligárquica. Trata do espectro do patrimonialismo, em que o público é apropriado como extensão do privado, sustentado por uma retórica de superioridade que atravessa gerações. É nesse terreno que floresce a velha arrogância encapsulada no “você sabe com quem está falando?” fórmula emblemática de um Estado forjado sob os códigos da hierarquia e da desigualdade.

O que se anuncia como genealogia se converte em perecimento, o que se pretendia legado torna-se caricatura. Nesse sentido, o romance se aproxima da concepção lukacsiana de modo que sedimentação da experiência histórica: a voz de Eulálio, ao tentar reconstituir uma narrativa de continuidade, apenas revela as fraturas profundas de um sujeito burguês periférico incapaz de reconhecer a sua própria superação.

A dialética entre decadência e poder abstrato é o núcleo da figura do narrador herdeiro. Ele é a máscara do passado que insiste em falar mesmo quando já não há ninguém para escutar. Sua

fala não ilumina, obscurece, não organiza, confunde. Mas é justamente nesse ruído, nessa união de delírio e memória, de ressentimento e nostalgia que se manifesta a crítica mais aguda da obra. O romance, ao reencenar a fala dessa elite esvaziada de substância, faz da forma narrativa uma denúncia: o herdeiro ainda domina o discurso nacional, ainda dita o tom da história, mas o faz como ventríloquo de um passado morto, como espectro que não encontra repouso.

Por isso, a literatura sustenta aqui como espaço privilegiado para a revelação do que a ideologia tenta esconder. O narrador herdeiro, enquanto forma de consciência alienada, projeta sua dor como perda pessoal, mas o romance a traduz como fracasso comum. A derrocada do indivíduo coincide com a falência de uma classe social que, embora esvaziada de seu poder material direto, permanece no imaginário institucional do país. Assim, Leite Derramado se insere numa linhagem de romances brasileiros que, não apenas narram sujeitos, mas formas de sociedade em deterioração e é nesse movimento que reside sua capacidade crítica.

Encerramos, portanto, com a consciência de que o narrador herdeiro é mais do que um personagem, sua voz é expressão reveladora da formação social brasileira: ressoa os fantasmas de uma modernização inconclusa, sustentada por heranças escravistas e por uma elite decadente que se recusa a sair de cena. O romance de Chico Buarque (2009), nesse sentido, não oferece redenção nem catarse, mas algo mais raro: o espelho da nossa própria história, cujos reflexos ainda reluz, com amargura, a imagem do herdeiro que não soube morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre *Leite Derramado* é, para mim, uma travessia íntima e densa, como se cada frase de Chico Buarque abrisse janelas para a própria alma do Brasil, uma alma marcada por brilhos fugidios e sombras persistentes. Há um prazer que não se mede em páginas escritas, mas em silêncios escutados, na respira-

ção pausada que antecede a escolha de uma palavra, na estranha ternura que nasce ao lidar com as feridas históricas. Ao seguir o rastro do narrador herdeiro, sinto que não apenas analiso uma obra, mas que caminho sobre o terreno movediço onde memória e esquecimento se confundem, onde o íntimo e o coletivo se entrelaçam como raízes profundas de uma mesma árvore antiga.

Nesse exercício de escrita, a crítica se torna contemplação e afeto, pois compreender Eulálio d'Assumpção é também compreender o país que lhe deu forma. É permitir ouvir as vozes soterradas sob a retórica das elites, reconhecer as ironias da história e tocar as fibras ocultas da nossa formação social. *Leite Derramado* não é só literatura: é espelho e fantasma, convite e denúncia. E ao escrever sobre ele, descubro que a pretensa análise pode ser, ao mesmo tempo, um gesto de carinho e de interpretação, um modo de olhar de frente para o que preferimos não ver, mas que insiste em nos constituir.

Talvez por isso eu sinto que uma das formas mais verdadeiras de amar este país seja escrever para ele e sobre ele não para embalá-lo em ilusões, mas para provocar nele o pensamento social transformador, para despertar perguntas incômodas sobre o que nos trouxe até aqui enquanto civilização brasileira. É um amor que não se confunde com condescendência, mas que se expressa na coragem de encarar nossos escombros e contradições. Assim, este ensaio não é apenas estudo, é também ato de compromisso: oferecer à palavra o trabalho de escavar a história, para que o Brasil se leia a si mesmo com mais lucidez.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v. 1).

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

HOLANDA, Chico Buarque de. *Fortuna crítica de Leite Derramado*. Chico Buarque. Site pessoal. 2009. Disponível em: <https://goo.gl/stXCkK>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LUKÁCS, György. *Teoria do romance*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MORETTI, Franco. *O romance: história e teoria*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

RAMA, Ángel. *A cidade letrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 1990. (Coleção Espírito Crítico).

WATT, Ian. *Ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.